

## VISÃO DO CORREIO

# Crise no Nepal e os limites das relações digitais

Conhecido no mundo sobretudo por abrigar parte do Himalaia, inclusive parcela do Monte Everest, o Nepal ocupa o noticiário mundial nos últimos dias diante da onda de protestos liderada pela população jovem contra o governo de K.P. Sharma Oli, que renunciou ontem ao cargo. Uma república parlamentarista, o país asiático vive seu momento de maior turbulência desde 2015, quando nova Constituição entrou em vigor meses após um terremoto matar cerca de 8 mil habitantes.

Ainda que a mobilização dos mais jovens tenha se voltado contra denúncias de nepotismo e a corrupção no Executivo, o estopim da crise se deu com o bloqueio das redes sociais por determinação do governo local. A medida foi adotada no último dia 4, sob a justificativa de que era necessário frear o compartilhamento em massa de discurso de ódio e de notícias fraudulentas nessas plataformas. Não durou muito. Diante das manifestações que deixaram ao menos 19 mortos e uma centena de feridos, K.P. Sharma Oli renunciou ao cargo de primeiro-ministro.

A situação vivida pelo país asiático é simbólica para entender o peso que as big techs passaram a ter na sociedade atual. As redes ocupam, cada vez mais, o papel de verdadeiras instituições do jogo político. Seus algoritmos assumem um papel institucionalizado, como bem observam os pesquisadores Ricardo F. Mendonça, Fernando Filgueiras e Virgílio Almeida no livro Política dos algoritmos, a ser lançado em outubro pela Ubu Editora.

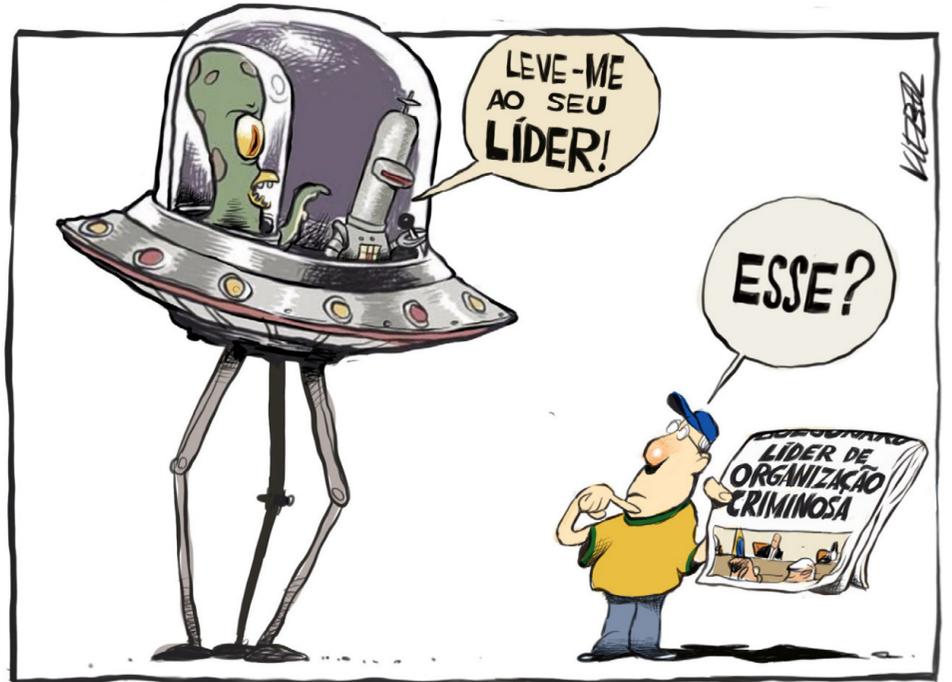
O Brasil não foge à regra. A exigência principal da população é por conectividade — o acesso ao smartphone de última geração e aos dados móveis, porta de

entrada para o mundo digitalizado, por exemplo —, que, cada vez mais acessível, deixa também evidente os dilemas da dominância das redes digitais. Adulteração, proibição de usos de celulares nas escolas, disseminação de fake news ligadas a temas de saúde e disputas partidárias são alguns dos desafios enfrentados pela população e que mobilizam figuras públicas.

O caso nepalense, portanto, é fundamental para encarmos as redes sociais e, em primeira camada, os algoritmos, como instituições capazes de decidir eleições, incriminar ou absolver pessoas e promover políticas públicas. Ainda com restrições, a população teve acesso e compartilhou vídeos mostrando rotinas luxuosas de políticos e familiares, em contraste com anos de instabilidade econômica. Levaram a indignação das telas para as ruas.

Se o diagnóstico do alcance dessas plataformas é o primeiro passo, o segundo precisa ser se atentar à importância de essas tecnologias serem regidas pela democracia. O caminho, como o aconteceu em Catmandu mostra, não é pela coerção e pela restrição do acesso, mas pela necessária regulamentação dessas instituições — como tem sido discutido no Supremo Tribunal Federal (STF), a partir da revisão do Marco Civil da Internet —, além, obviamente, do respeito ao bem-estar coletivo.

O desafio se amplia ainda mais com o surgimento e a consolidação da inteligência artificial (IA). Discussões legais e outras medidas de regularização, no Brasil e em boa parte do mundo, ainda não acompanham a velocidade da evolução da tecnologia rumo à IA. Não há mais tempo a ser perdido para o inadiável e inevitável debate sobre tal questão.



## » Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.  
» E-mail: [sredat.df@dabr.com.br](mailto:sredat.df@dabr.com.br)

### Independência 1

O que está acontecendo com os desfiles de 7 de Setembro? Cada ano, há menos pessoas presentes. Excetuando as arquibancadas, nas quais se viam muitos espaços vazios, não havia povo. Eram esperadas 50 mil pessoas; o governo calculou 45 mil pessoas presentes, a Secretaria de Segurança Pública do DF estimou em 80 mil. Tremenda discrepância! Sinal de que os números são falsos. Mas quem viu a Esplanada com os próprios olhos comprovou que estava deserta. Onde está o milhão de pessoas que lotou o espaço em 2022? No Foro de São Paulo, em 30 de junho de 2023, Lula afirmou que o discurso dos costumes, da família e do patriotismo são as coisas que ele historicamente aprendeu a combater. Será que o combate de Lula ao patriotismo é a causa da ausência do povo nos desfiles da Independência?

» **Roberto Doglia Azambuja**  
Asa Sul

### Independência 2

Para esses cidadãos bolsonaristas que se dizem patriotas e que, no 7 de Setembro, dia da comemoração da Independência do Brasil, foram às ruas com uma bandeira enorme dos Estados Unidos, eu e outros milhões de brasileiros que amamos o nosso país os definiremos com o complexo de vira-latas. A expressão, criada pelo jornalista Nelson Rodrigues, refere-se à “inferioridade cultural e social que o brasileiro se impõe voluntariamente, acreditando que seu país, sua cultura e seu povo são inferiores em comparação com outras nações, especialmente as mais desenvolvidas”. Essas manifestações são lideradas pelo deputado Eduardo Bolsonaro e por outros parlamentares e governadores que usam os mandatos com um só objetivo: sensibilizar o presidente dos EUA, Donald Trump, para salvar a pele de Jair Messias Bolsonaro, que está sendo julgado e, provavelmente, será condenado por liderar uma tentativa de golpe de Estado. Eles não estão se importando se as suas atitudes vão prejudicar a economia do Brasil e milhares de empregos dos brasileiros.

» **Evanildo Sales Santos**  
Gama

### Fittipaldi

O dia 10 de setembro é mais do que especial: são 53 anos do primeiro título do Brasil na Fórmula 1. Há exatos 53 anos, Emerson Fittipaldi (Lotus) venceu o Grande Prêmio da Itália de 1972, em Monza, e assegurava o título mundial daquela temporada. Foi o primeiro troféu obtido pelo Brasil na F-1. Graças a Fittipaldi, o país traçou um caminho de conquistas nas pistas. Por tudo isso, a data precisa ser celebrada. Parabéns, Emerson. E obrigado.

» **José Ribamar Pinheiro Filho**  
Asa Norte

### Autocrítica

A autocrítica é um quesito de extrema importância, de quem se autoavalia, pondera seus atos, julga seus comportamentos, ajusta-se, autocorrigir, reflete sobre suas reações e ações, conjectura consigo mesmo. É o quesito de quem faz sair da esfera do endeuamento para a esfera da humanidade. É a postura madura de quem analisa seu papel como ser humano e profissional. Portanto, o quesito autocrítica vai muito além de ter consciência superficial das próprias falhas e injustiças. Até um psicopata tem essa consciência, mas não muda. É o segredo de quem pensa nas consequências do seu comportamento, de quem é fiel à sua consciência e seu *modus operandi* e imprime sua energia para transformar e executar suas rotas e seus objetivos. Quem decifra o quesito autocrítica com clareza se localiza no tempo-espaço-existencialmente. Sabe que a vida é bravíssima para viver, mas longuíssima para cometer injustiças, falsear, desrespeitar, humilhar etc. Infelizmente, temos muitas autoridades, bem como na sociedade, que estão banindo o quesito da autocrítica do seu dicionário existencial, não pensam antes de executar determinados atos, não pensam nos resultados. Nossos comportamentos são sementes. As sementes são diminutas, frágeis, mas poderão ter inúmeras decorrências, sejam imediatas ou futuras. Pensar nas consequências dos comportamentos é a base para construirmos um futuro saudável alicerçado em um presente saudável. Temos isso hoje?

» **Renato Mendes Prestes**  
Águas Claras

## Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Silas Malafaia afirma que a bandeira dos EUA na Avenida Paulista é armação da esquerda. Daqui a pouco, se o tarifaço não der resultado, vai acusar o Eduardo Bolsonaro de ser petista.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Entre o sonho do diploma e o pesadelo do boleto, o universitário vira malabarista financeiro. O curso é presencial, mas a cobrança é emocional.

Pacelli M. Zahler — Sudoeste

Maior inadimplência dos últimos 15 anos, e o interessante é que dizem que saímos do Mapa da Fome. Nem mesmo os que conseguiam pagar as contas agora conseguem!

Gerson Pedro — Brasília

Mais da metade de bares e restaurantes opera sem lucro no DF. Os preços dos restaurantes estão impraticáveis. Muito caros! Enquanto não perceberem isso, não reverterão esse problema.

Alexandre Amaral — Brasília

Brasil com recorde de falência de empresas e comerciantes com baixo público. Me provem que o país está essa maravilha que o governo diz!

Elvys Maia — Brasília

Por que não estão fazendo o teste com mosquitos modificados da dengue nas cidades satélites, onde a população tem menos recursos financeiros? Vamos assistir a mais um surto da doença, com morte e caos?

Fabiana Castro — Brasília



**RODRIGO CRAVEIRO**  
[rodrigo.craveiro@gmail.com](mailto:rodrigo.craveiro@gmail.com)

## Uma ode à democracia

Relativizar tentativas de golpe é ser descendente com o caos e a ruptura constitucional. O voto do cidadão é sagrado e precisa ser respeitado e acolhido. Derrotados têm que aceitar o revés nas urnas como uma consequência natural e legítima do sufrágio. Curioso pensar que tanto Donald Trump quanto Jair Bolsonaro foram acusados de buscar se perpetuar no poder, a despeito da vontade popular. Trump voltou ao comando do país, e a Justiça americana preferiu a omissão a desafiar o presidente. O Supremo Tribunal Federal, guardião da Constituição, assumiu o papel que lhe cabe e começou a julgar os acusados da intentona. Não é preciso fazer muita ginástica mental para perceber o desastre do qual escapamos. Basta voltarmos algumas décadas no tempo e visitarmos também outros países da América do Sul, que se uniram à chamada Operação Condor — uma ação repressiva conjunta para perseguir e matar comunistas.

No Chile, com a ajuda dos Estados Unidos, o general Augusto Pinochet lançou o país em um regime de horror. Pais de família eram arrancados de suas casas e executados. Ou forçados a embarcar em aviões e lançados sobre o oceano. Muitas famílias nem sequer receberam os corpos de seus entes queridos para o sepultamento. Foram 17 anos de horror. Oficialmente, o país reconhece a morte de 9,8 mil pessoas.

Na Argentina, o general Jorge Rafael Videla foi a personificação da ditadura, entre 1976 e 1983. Sob seu regime, 30 mil civis desapareceram ou foram executados, muitos

deles depois de sofrerem torturas. Por sua vez, no vizinho Uruguai, pelo menos 380 mil pessoas foram forçadas ao exílio durante a ditadura de Juan María Bordaberry (1973-1985). Outras sete mil foram condenadas de forma extrajudicial e mais de 200 acabaram executadas. As duas nações julgaram repressores e torturadores, em um corajoso acerto de contas com o passado.

O Brasil enfrentou 21 anos de regime militar (1964-1985). Estudantes, jornalistas, artistas e políticos da esquerda conheceram as masmorras do DOI-Codi e o terror do pau-de-arara. Ao contrário dos vizinhos, nosso país preferiu a impunidade. Foi incapaz de punir as mortes e os desaparecimentos de 434 brasileiros, ainda que o número possa ser consideravelmente maior. Exatamente quatro décadas depois, estivemos à beira do regresso a um novo período de trevas. Por isso, o julgamento no Supremo Tribunal Federal é tão importante: envia uma mensagem de reparação histórica.

A democracia precisa ser acarinhada, preservada e protegida. Impunidade e anistia são porta aberta para autoritarismo e para novas tentativas de golpe. Os Estados Unidos não teriam um presidente que corteja a autocracia se tivesse sido julgado e condenado pela invasão ao Capitólio, em 6 de janeiro de 2021, quase dois anos antes do ataque aos Três Poderes, em Brasília. Depois de conquistar a democracia a tão duras penas, o Brasil tem a chance de dar um exemplo não apenas aos Estados Unidos, mas também ao mundo.

## CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara  
E se mais mundo houera, lá chegará”  
Camões, e, VII e 14

**GUILHERME AUGUSTO MACHADO**  
Presidente

**Leonardo Guilherme Lourenço Moisés**  
Vice-Presidente executivo

**Ana Dubeux**  
Diretora de Redação

| Localidade | SEG/SÁB  | DOM      |
|------------|----------|----------|
| DF/GO      | R\$ 5,00 | R\$ 7,00 |

**Assine**  
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

\*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

**Anuncie**  
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp  
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp  
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS\*

SEG a DOM

R\$ 1.187,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

**ANJ WZ**  
Associação Nacional de Jornais

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>  
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

**DIÁRIOS ASSOCIADOS DA**

D.A Press Multimídia Atendimento personalizado para pesquisa em jornais e cópias: SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo: Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/sábados, das 14h às 21h/domingos e feriados, das 15h às 22h. Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568. E-mail: [dapress@dabr.com.br](mailto:dapress@dabr.com.br) Site: [www.uuadapress.com.br](http://www.uuadapress.com.br)